

Esta é a cache do Google de http://impresso.em.com.br/app/noticia/toda-semana/pensar/2017/12/08/interna_pensar,217665/belo-horizonte-na-literatura-do-seu-passado.shtml. É um instantâneo da página, tal como surgiu no dia 8 Dez 2017 10:51:21 GMT.

Entretanto, a [página actual](#) poderá ter sofrido algumas alterações. [Saiba mais](#)

Versão completa [Versão apenas de texto](#) [Ver origem](#)

Sugestão: para localizar rapidamente o termo de pesquisa nesta página, prima **Ctrl+F** ou **⌘-F** (Mac) e utilize a barra de localização.



Belo Horizonte na literatura do seu passado

Leticia Malard*

Publicação: 08/12/2017 04:00



1. O nome

“Belo Horizonte, que lindo nome! Fiquei a repeti-lo e a enroscar-me em sua sonoridade. Era longo, sinuoso, tinha de pássaro e sua cauda repetia rimas belas e amenas.” (Pedro Nava, 1973.)

Acrescento: Para se chegar a tal lindeza, teve-se de passar por Curral del-Rei (horrível) e Cidade de Minas (sem identidade).

2. A capital em construção

A capital (1903) foi o primeiro romance sobre Belo Horizonte. Seu autor, Avelino Fóscolo (1864-1944), retrata os primórdios da cidade nos moldes do realismo: a especulação imobiliária, as esperanças de uns em paralelo com as decepções de outros, fortunas e falências repentinas. Começou-se por uma limpeza sanitária: os papudos (doentes de bócio) foram expulsos para os arredores. Continuou-se pelo preconceito contra os forasteiros, em especial os operários italianos, a quem os habitantes do Curral del-Rei acusavam de “invasores sem religião”. O comércio era intenso, desorganizado e trambiqueiro. Chamavam a nova capital de “Afamada Califórnia”, em referência à corrida do ouro naquela região norte-americana do século 19. Fóscolo menciona os nomes pomposos das lojas, tais como Grande Império, Sem Rival, Lealdade. E, ironicamente, a placa da costureira sem autoestima: “A Sem Competência”. A maior diversão era passear no Parque Municipal.

3. As faces na poesia

Mas esse mesmo parque também é cenário de convite à pedofilia, na década seguinte, denunciada num poema de Carlos Drummond de Andrade. Para o poeta, Belo Horizonte tem três faces. A primeira, do adolescente, em 1916: a cidade modernizada, que o espanta com seu artificialismo construtivo aliado à cultura que encontra na Livraria Francisco Alves, na Rua da Bahia, 1.060. Desta, só resta o prédio tombado.

A segunda face, do adulto, é a cidade letrada dos anos 1920-1930, ou seja, a dos jornais, periódicos, instituições culturais e artísticas. É a BH dos cinemas, dos palacetes art-nouveau, dos recitais de música clássica, do turismo de garotas cariocas em férias, polo cultural do magistério no estado graças à Escola de Aperfeiçoamento, para professoras.

A terceira face, a cidade destroçada, é a da velhice, poetizada por volta de 1977, no poema Triste horizonte. Aqui há uma espécie de modernização da denúncia de Fóscolo: é a metrópole vítima do avanço capitalista, quando igrejas católicas se veem obrigadas a disponibilizar suas áreas para a construção de estacionamento, lojas e supermercado, a fim de manter suas obras sociais. Drummond não quer voltar à cidade porque não quer ver “o que merece ser esquecido, se revogado não pode ser”.

Ainda no campo do lírico, evocamos duas vozes femininas, em livros de poesia específica: o Belo Horizonte, bem querer (1972), de Henriqueta Lisboa, e Os olhos de Aarão (1988), de Cely Vilhena. São poemas quase sempre declarações de amor entrecruzadas com a História, em interação perfeita das poetizas e a cidade querida.

4. Janelas da memória

Pedro Nava (1903-1984) publica em 1979 Beira-mar, memórias de sua época belo-horizontina. Muitos estranham o título, pois não temos mar. No entanto, é o poeta Wagner Merije que bem interpreta a questão, no Poema para Belo Horizonte, do livro Viagem a Minas Gerais (2013):

“Não temos



E a falta nos faz muita falta

Como o mar!

Oh palavra mágica e irmã do horizonte!!!”

Beira-mar é uma imperdível viagem pela capital dos anos 1920. Narra de um tudo, com certeza o livro mais abrangente e detalhista sobre ela. Aborda desde as aventuras e desventuras do seu cotidiano, como estudante de medicina, intelectual e boêmio, até as conversas literárias com os amigos - Drummond entre eles. Nava é um incansável caminhante por avenidas, ruas, praças, becos e precários caminhos. Há capítulos intitulados “Rua da Bahia”, “Avenida Mantiqueira” (atual Alfredo Balena) e “Rua Niquelina”. Seu olho calidoscópico detalha elementos arquitetônicos inusitados e costumes sociais, por onde respira o coração da cidade, a qual era

“[...] profundamente quieta e bem-pensante. Amava o soneto, deleitava-se com sua operazinha em tempos de temporada, acatava o Santo Ofício que censurava por sua conta os filmes, suas moças liam Ardel, Delly [...] não conversavam com rapazes e faziam que acreditavam que as crianças pussavam (sic) nas hortas entre pés de couve, raminhos de salsa, serralha, bortalha e talos de taioba.”

A Menina do sobrado - as memórias de Cyro dos Anjos (1906-1994), saem no mesmo ano e, em sua segunda parte, reconfiguram o mesmo tempo de Beira-mar. “Mocidade, Amores” tem a preocupação de reviver questões sentimentais e intelectuais na Belo Horizonte provinciana, os fracassos de uns - como os poetas sem poemas Zeca e Monzeca - e o sucesso de outros, como os integrantes da caravana modernista de São Paulo, em viagem pelas Minas. Mas acho que o grande livro de Cyro é o romance O amanuense Belmiro, encenado na BH de 80 anos atrás. Belmiro, um escriturário morador da Rua Erê, no Prado, escreve impressões do seu cotidiano e seus amores, nos termos de uma vidinha modesta de funcionário público.

5. Amizade pelos livros

Na BH do século 20 ressalta uma figura autodidata que é da maior importância para a história da nossa vida cultural: Eduardo Frieiro (1889-1982). Frieirinho - como nós, seus alunos de literatura hispano-americana, o chamávamos carinhosamente e devido à baixa estatura. Professor fundador da nossa atual Faculdade de Letras (UFMG), fundador e primeiro diretor da Biblioteca Pública Prof. Luiz de Bessa, um dos primeiros editores da capital, romancista e ensaísta. Casado e sem filhos, seu ofício principal era ler. Talvez a pessoa mais culta de seu tempo nas plagas mineiras. Não foi à toa que publicou Os livros, nossos amigos e alavancou editora Os Amigos do Livro. Era também um mestre da escrita criativa. Muitos candidatos a escritor devem ter aprendido com as lições de Frieiro, estampadas em A ilusão literária (1932).

6. Garotos angustiados

Quem tem medo de ir a um encontro marcado 15 anos antes? Um grupo de garotos, alunos do Colégio Estadual de Minas Gerais (atual Governador Milton Campos), na Belo Horizonte dos anos 1940. Só um deles compareceu, e houve gente que nem se lembrava da marcação. Freud explica nossas dificuldades de enfrentar o passado. Estamos falando de O encontro marcado (1956), a mais famosa obra de Fernando Sabino (1923-2004). O núcleo do romance, de viés autobiográfico, é a vida de Eduardo, cheia de altos e baixos, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro.

A primeira comparece significativamente com a Praça da Liberdade, em cujos bancos os meninos se sentam altas horas para “puxar angústia”. Muito cultos, leitores de filosofia, a expressão significa filosofar sobre a precariedade da condição humana, fazer uma espécie de terapia de grupo e sofrer o desamparo ante a vida e a morte. Se, por um lado, o belo centro político da capital é a paisagem que escuta os problemas psicológicos dos personagens, por outro é o bairro onde moram seus funcionários que assiste às travessuras dos rapazes, na calada da noite: o passeio com um esqueleto surrupiado da casa do pai médico, a troca de placas de consultórios e, no Centro, a caminhada sobre os arcos do viaduto. Às vezes, imitações da geração anterior de intelectuais.

7. O presente

A literatura sobre Belo Horizonte cresceu e se vitalizou. Nos tempos atuais, romances, contos, crônicas, poemas e outros tipos de manifestações culturais de ótima qualidade são produzidos, premiados e cultuados. Na literatura, o Oscar vai para o veterano Rui Mourão. Mas esse assunto é para outro artigo.

*

Letícia Malard é professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais. Entre seus livros destacam-se Literatura e dissidência política (ensaios) e Divina dama (romance).

